

FUTUROS DA HISTÓRIA

ENCONTRO ANUAL DO INSTITUTO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DA FACULDADE DE
CIÊNCIA SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FCSH-UNL, 25 E 26 DE SETEMBRO DE 2014

De realização anual, o presente encontro é organizado pelo Instituto de História Contemporânea da FCSH-UNL e tem por finalidade promover o debate acerca de novas tendências de investigação no domínio da História, bem como o questionamento de práticas de investigação já consolidadas. Este duplo objectivo tornará possível uma confrontação entre novas e antigas experiências de investigação, desta forma contribuindo-se tanto para a formação de visões mais críticas acerca do estado da arte como para o desenvolvimento de futuras investigações exploratórias.



pintura de Luís Noronha da Costa

**Tema do encontro deste ano:
OS SUJEITOS DA HISTÓRIA**

Nesta sua primeira edição, o seminário tem como tema principal os sujeitos históricos. A fortuna editorial do género biográfico talvez constitua o sinal mais visível da reemergência da questão do sujeito histórico, igualmente participada

pela consolidação académica dos estudos sobre elites ou a atracção memorialista pelas histórias de vida. De resto, a persistência das histórias nacionais e, mais timidamente, de grandes narrativas de actores sociais igualmente apoia um processo não raras vezes entendido como um regresso da prática historiográfica ao que seria a sua verdadeira essência: narrar os sujeitos e os seus feitos, tarefa de que a disciplina teria sido afastada ao aproximar-se das ciências sociais. Esta aproximação teria levado a uma menor atenção à autonomia dos actores e a uma sobrevalorização do seu contexto.

E, todavia, aquilo a que aqui chamamos a reemergência da questão do sujeito histórico tem igualmente implicado um conjunto de interrogações acerca dos limites de oposições como as que foram estabelecidas entre história dos acontecimentos e história das estruturas. Para tal têm contribuído, entre outros, os estudos sobre governamentalidade, os debates em torno da agencialidade dos objectos ou as aproximações entre História Social e História Conceptual. Destas e de várias outras questões nos ocuparemos nos dois dias de encontro. As intervenções dos conferencistas convidados articularão reflexões em torno dos trabalhos realizados pelo investigador, discussão do estado da arte e proposta de futuras linhas de pesquisa. O seminário tem como primeiro destinatário a comunidade de investigadores de ciências sociais e humanas.

O seminário é de entrada livre mas é necessária inscrição prévia: ihc@fcs.unl.pt

PROGRAMA

25 DE SETEMBRO – QUINTA-FEIRA – Auditório 1, Torre B

9h30: Abertura, com Maria Fernanda Rollo (directora do IHC-FCSH/UNL) e José Neves (coordenador do encontro, IHC-FCSH/UNL).

9h45: Mesa 1 – FEMINISMO, HISTÓRIA TRANSNACIONAL E PÓS-COLONIALISMO

“O futuro é um país estrangeiro. Lá fazem as coisas de modo diferente”: abordagens feministas à História e à História da Arte.

Filipa Lowndes Vicente (ICS-UL)

O modernismo em Portugal e os “modernismos do sul”

Joana Cunhal Leal (IHA, FCSH-UNL)

Pensar com Persas: desfazer histórias de minorias

Abdoolkarim Vakil (King’s College, Universidade de Londres)

O legislador, os juristas, os juízes e os «colonizados» como sujeitos históricos

Ana Cristina Nogueira da Silva (FD-UNL)

13h: intervalo para almoço

15h: Mesa 2 – METABIOGRAFIA, BIOGRAFIA E TECNOLOGIAS DE SI

Los retos de los tránsfugas. Biografía y análisis del lenguaje político en una perspectiva comparada.

Steven Forti (IHC-FCSH/UNL)

Metabiografia: entre a “ilusão biográfica” e a “biographical turn”

Carlos Maurício (ISCTE-IUL)

Vidas genéricas e vidas minúsculas: repensar a agência nas tramas históricas

Tiago Pires Marques (CES-UC)

17h30: pausa para café

17h45: Conferência – What is the Subject of Political History?

Conferência de **Patrick Joyce** (Universidade de Edimburgo)

26 DE SETEMBRO – SEXTA-FEIRA – Sala Multiusos 2, Edifício ID

9h: Mesa 3 – POLÍTICA POPULAR, ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA SOCIAL

Sujeitos do passado, uma revisitação a algumas personagens historiográficas (rebeldes, povos e reis)

Fátima Sá e Melo Ferreira (ISCTE-IUL)

Reprodução social, descontinuidades e fronteiras – tempo, coetaneidade e liminaridade, entre a antropologia e a história

Paula Godinho (IHC, FCSH-UNL)

Os intelectuais, o poder e a cidade. Estruturas sociais de oportunidades e estilos de intervenção simbólica entre os intelectuais do Porto no Estado Novo.

Bruno Monteiro (FL-UP) e **Virgílio Borges Pereira** (FL-UP)

11h30: pausa para café

11h45: Debate – Estado, Regimes, Elites, Líderes e Classes no Século XX Português

Conversa com **Fernando Rosas** (IHC-FCSH/UNL) conduzida por **Luís Trindade** (Birkbeck College – Universidade de Londres, IHC-FCSH/UNL).

13h: intervalo para almoço

15h: Conferência – Reflexões ocidentais sobre os "sujeitos" da história e da historiografia

Conferência de **Fernando Catroga** (FL-UC)

16h15: pausa para café

16h30: Mesa 4 – MATERIALIDADE, TRABALHO E OBJECTIFICAÇÃO

O Burocrata: Materialidade, Infraestrutura, Tecnopolitica

Filipe Calvão (The Graduate Institute – Geneva)

Materialidade, objectificação e sujeitos operários da história

Emília Margarida Marques (CRIA-IUL)

Histórias de objetos, quase

Ricardo Roque (ICS-UL)

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

FILIPA LOWNDES VICENTE: **“O FUTURO É UM PAÍS ESTRANGEIRO. LÁ FAZEM AS COISAS DE MODO DIFERENTE”**: ABORDAGENS FEMINISTAS À HISTÓRIA E À HISTÓRIA DA ARTE

“The past is a foreign country: they do things differently there”, é a muito citada frase de L. P. Hartley, no *The Go-Between*, publicado em 1953. E o futuro? Como é que as abordagens feministas da história e da história da arte – já enraizadas nalguns lugares do mundo; marginalizadas ou subordinadas em muitos outros – poderão marcar os futuros da história? Através da experiência de investigação e escrita do meu livro *A arte sem História. Mulheres e cultura artística (Séculos XVI-XX)* procurarei explorar os caminhos historiográficos recentes das abordagens de género. O caso das mulheres artistas enquanto sujeitos históricos é paradigmático. Para lá das múltiplas exclusões socioculturais contemporâneas a cada artista, encontram-se as posteriores exclusões da própria construção histórica, sobretudo durante os séculos XIX e XX. As abordagens feministas dos últimos 50 anos vieram “descobrir” mulheres. Mas isto não chega. É necessário, sobretudo, questionar os próprios pressupostos da história ou da história da arte que levaram à exclusão de mulheres.

JOANA CUNHA LEAL: **O MODERNISMO EM PORTUGAL E OS “MODERNISMOS DO SUL”**

“Modernismos do sul” é um projecto que propõe uma revisão da definição dominante de modernismo a partir da hipótese de que os modernismos do sul da Europa afirmaram e potenciaram um enraizamento na cultura popular que antecipa a perspectiva do “regionalismo crítico” (tida como integrando a viragem pós-moderna). A hipótese de partida é investigada numa abordagem transnacional (integra casos do modernismo espanhol, italiano, grego, e português nas 1^{as} três décadas do séc. XX) e privilegia a noção de transferências culturais na análise e na discussão do comum e do diverso nas apropriações críticas do legado da cultura popular nesses territórios. Neste seminário, irei discutir tanto a hegemonização de narrativas modernistas na historiografia do modernismo, e o seu efeito de “cegueira”, quanto a possibilidade de resgatar vias do modernismo capazes de resistir à autoridade dos “estilos” internacionais e afirmar criticamente uma dimensão local/regional. Esta dimensão não se esgota portanto na celebração populista-folclórica-nacionalista dos fascismos do sul da Europa. A confirmar-se tal possibilidade de resgate, abrir-se-ia um novo capítulo na história do modernismo em Portugal.

ABDOOLKARIM VAKIL: **PENSAR COM PERSAS: DESFAZER HISTÓRIAS DE MINORIAS**

Muçulmano é uma categoria de análise histórica útil? A partir de uma perspectiva pós-colonial e de uma crítica da história religiosa, de minorias, nacional, étnica e da imigração, esta comunicação propõe uma aproximação genealógica à questão dos sujeitos muçulmanos e à questão muçulmana na história e na historiografia contemporânea europeia e portuguesa.

CRISTINA NOGUEIRA DA SILVA: **O LEGISLADOR, OS JURISTAS, OS JUÍZES E OS «COLONIZADOS» COMO SUJEITOS HISTÓRICOS NOS ESTUDOS SOBRE CIDADANIA COLONIAL**

A minha intervenção incluirá duas partes distintas mas que tentarei relacionar na conclusão. Numa primeira parte irei fazer um breve roteiro da minha investigação em torno da cidadania no ultramar português, dos problemas que a orientaram e de algumas questões que se colocaram e cuja resposta permanece incompleta. A maior ou menor tolerância ética relativamente às categorias do pensamento colonial do século XX (e aos sujeitos que as pensaram) é uma das questões que colocarei. Na segunda parte irei reflectir, a partir de casos concretos, retirados do Império português do século XVIII e XIX, sobre sujeitos históricos na história (do direito) da cidadania colonial: sobre os efeitos (previstos e talvez não previstos) da sua acção e sobre os problemas que o seu pensamento e a sua acção colocam aos historiadores de hoje.

STEVEN FORTI: LOS RETOS DE LOS TRÁNSFUGAS. BIOGRAFÍA Y ANÁLISIS DEL LENGUAJE POLÍTICO EN UNA PERSPECTIVA COMPARADA.

Hasta ahora la historiografía ha prestado muy poca atención a la cuestión del tránsito de dirigentes políticos de la izquierda al fascismo en la Europa de entreguerras. Se han utilizado la categoría del oportunismo y la teoría de los opuestos extremismos para explicar estos tránsitos de una a otra familia política. Gracias al estudio de las biografías y al análisis del lenguaje político en una perspectiva comparada es posible superar esta visión simplista y desconectada de las dinámicas transnacionales y abrir nuevas líneas de investigación para la historia política y del pensamiento político del siglo XX. Después de una breve presentación de los estudios existentes, se centrará la intervención en los resultados obtenidos en la investigación de la cuestión del tránsito de la izquierda al fascismo en los casos de Italia, Francia y España en los años de entreguerras y se propondrán algunas reflexiones acerca de la relación entre biografía, lenguaje e historia comparada y transnacional y acerca de la cuestión de las rupturas y continuidades en la identidad político-ideológica de los tránsfugas. Finalmente se propondrán también algunas futuras líneas de investigación respecto a esta problemática.

CARLOS MAURÍCIO: METABIOGRAFIA: ENTRE A “ILUSÃO BIOGRÁFICA” E A “BIOGRAPHICAL TURN”

Esta comunicação toma como ponto de partida as prevenções de Pierre Bourdieu contra a “ilusão biográfica”. Mostra depois como, independentemente destas, as biografias em história estão de novo em voga, havendo mesmo autores que defendem a existência de uma “viragem biográfica” nos estudos históricos e culturais nas duas últimas décadas. Examina então as metodologias subjacentes às “novas biografias”, as quais pretendem ultrapassar as limitações das biografias clássicas. Termina centrando as atenções sobre a “metabiografia”. Do exame da aplicação do método em diversos estudos e do seu próprio trabalho, o autor retira por último algumas conclusões de carácter epistemológico e metodológico, terminando com alguns conselhos práticos a quem pretenda trabalhar neste domínio.

TIAGO PIRES MARQUES: VIDAS GENÉRICAS E VIDAS MINÚSCULAS: REPENSAR A AGÊNCIA NAS TRAMAS HISTÓRICAS

Pode colocar-se actualmente a questão de saber em que medida a voga das histórias de vida como método das ciências sociais assenta no pressuposto de uma inteligência soberana dos indivíduos sobre as suas acções perante diversas interpelações políticas, identitárias e morais. Numa confusa mescla de individualismo metodológico e existencialismo sartriano simplificado, os sujeitos seriam como que homens do leme navegando entre os elementos da “configuração” em que lhes aconteceu existir, servindo a trajectória para marcar os seus elementos e contornos. Este sujeito, para quem as suas

emoções e razões são a si mesmos transparentes, move-se num mundo social que seria assim tornado legível na narrativa autobiográfica. Chamarei vidas genéricas a estas construções nas quais o observador/ indutor da narrativa apresenta casos singulares como representativos de configurações sociais. Olharei de seguida à emergência da categoria “prevalência de vida” em recentes estudos de epidemiologia psiquiátrica, observando como, no polo oposto do espectro metodológico estudos qualitativos/ quantitativos, podemos descobrir lógicas semelhantes de objectivação fechada, o genérico aqui formando-se partir da miniaturização do singular. Defenderei em contramão a pertinência de inquirir a dificuldade que têm muitos sujeitos em construir uma “vida”, as suas formas de recusa do presente e de auto-sabotagem da acção para pensar as tramas históricas singulares com que se entrelaça a sua existência.

FÁTIMA SÁ E MELO FERREIRA: SUJEITOS DO PASSADO, UMA REVISITAÇÃO A ALGUMAS PERSONAGENS HISTORIOGRÁFICAS (REBELDES, POVOS E REIS)

Pensar as gentes do passado como sujeitos históricos implica um leque complexo de operações que passam não apenas pela análise de práticas, formas de acção e sistemas de poderes, mas também por um apertado inquérito aos modos como, em diversos segmentos do passado, as sociedades e os distintos grupos que as constituíam se pensavam a si próprios, as categorias e conceitos que mobilizavam e o modo como classificavam os diferentes agentes sociais. Ao visitar algumas personagens tidas como centrais nalguma historiografia portuguesa da segunda metade do século XX e dos primeiros anos do século XXI relativa à primeira metade do século XIX, pretende-se interrogar, o modo como a historiografia inventa e constrói os seus personagens e actores num contínuo e performativo vai e vem entre presente e passado e entre distintos e contingentes contextos históricos e sociais.

PAULA GODINHO: REPRODUÇÃO SOCIAL, DESCONTINUIDADES E FRONTEIRAS – TEMPO, COETANEIDADE E LIMINARIDADE, ENTRE A ANTROPOLOGIA E A HISTÓRIA

Num terreno baldio entre a antropologia e a história, interrogo a *coetaneidade* (Fabian, 1983), como partilha do tempo entre o investigador e o *objeto* (que é *sujeito*), bem como o lugar do(s) presente(s), a partir dos quais se recria um tempo, através de *memórias fortes* e *fracas* (Traverso, 2005), marcadas ou omitidas nas políticas públicas da memória. Destaco três momentos entrecruzados do meu trabalho: (1) a abordagem dos processos de reprodução social, ou seja, das continuidades que permitem a persistência das sociedades; (2) a interrupção desses processos, por acontecimentos que marcam uma distinção entre *antes* e *depois*, introduzindo novos princípios de inteligibilidade; (3) a complexificação dos anteriores pelo *tempo-fronteira* e pelo *espaço-fronteira* (Agiar, 2013), pelas escalas entrecruzadas, e pelas situações porosas que emergem, pautadas pela liminaridade, mas também pelas *zonas de refúgio* (Scott, 2009).

BRUNO MONTEIRO e VIRGÍLIO BORGES PEREIRA: OS INTELLECTUAIS, O PODER E A CIDADE. ESTRUTURAS SOCIAIS DE OPORTUNIDADES E ESTILOS DE INTERVENÇÃO SIMBÓLICA ENTRE OS INTELLECTUAIS DO PORTO NO ESTADO NOVO (1958-1965)

Esta comunicação apresenta uma investigação sobre as circunstâncias sócio-históricas de produção intelectual em vigor no Porto para o período compreendido entre 1958 e 1965, regime de temporalidade circunscrito pela *segunda crise do Estado Novo*. Em vez de promover uma pesquisa centrada sobre a ordem das obras ou limitada ao conhecimento acumulado sobre criadores ou escolas consagradas, esta investigação procura compreender as tomadas de posição estéticas e políticas em conjugação com os trajectos e situações sociais que caracterizam os intelectuais que as protagonizam, partindo do

contexto contemporâneo de interdependência existente entre eles. A partir de um trabalho de inquérito prosopográfico relativo a 199 agentes activamente envolvidos na criação cultural na cidade da época e de uma abordagem relacional da informação reunida, esta investigação estuda, assim, a configuração das propriedades sociais e simbólicas dos intelectuais portuenses sem as isolar do espaço social cidadão e articula as estruturas específicas do cosmos dos intelectuais com as tomadas de posição estéticas e políticas concretizadas por estes. O trabalho finaliza com a enunciação de vias de pesquisa que passam por acentuar as virtualidades de pesquisas selectivas sobre criadores ou obras singulares a partir do espaço intelectual.

FILIPPE CALVÃO: O BUROCRATA: MATERIALIDADE, INFRAESTRUTURA, TECNOPOLITICA

Pelo menos desde Weber e Foucault, a burocracia tem sido examinada sob o prisma da racionalidade e do poder disciplinar dos discursos produzidos por organizações e instituições burocráticas. Apesar da relutância com que ainda é encarada, recentes desenvolvimentos na antropologia e história prometem trazer o estudo da burocracia e os seus agentes de volta à agenda de pesquisa. Esta apresentação reflecte e tenta reconciliar dois destes campos de pesquisa emergentes: primeiro, o estudo da materialidade da burocracia. Neste campo, o enfoque é posto na experiência quotidiana e nos artefactos documentais e materiais constitutivos das práticas, subjetividades, e formas de conhecimento de agentes burocráticos e das instituições das quais participam; segundo, uma literatura dedicada ao estudo de infraestruturas e tecnopolíticas de comunicação, distribuição, e circulação. Dada a centralidade destes projectos na constituição de novos terrenos políticos, sociais, e espaciais, o estudo do complexo mundo de burocratas e tecnocratas torna-se por isso ainda mais imperioso. Esta apresentação insere-se no trabalho realizado sobre a materialidade e qualidades semióticas da mercadoria, bem como da investigação histórica e etnográfica realizada pelo autor no contexto de corporações mineiras em Angola.

EMÍLIA MARGARIDA MARQUES: MATERIALIDADE, OBJECTIFICAÇÃO E SUJEITOS OPERÁRIOS DA HISTÓRIA

Serão um operário ou uma operária mais sujeitos da (sua) história enquanto consumidores do que enquanto trabalhadores? Carreando reflexões construídas nas áreas, habitualmente pouco dialogantes entre si, da antropologia do trabalho industrial (entre vidreiros e operadores de máquinas automáticas de moldação de vidro) e da antropologia do consumo (entre antigas operárias da metalurgia ligeira) a comunicação argumenta que os processos de apropriação, material e simbólica, da máquina de produção e do objecto de consumo apresentam pontos de contacto relevantes – a nível de investimento subjectivo, margens de autonomia e produção de consentimento – e que a consideração conjunta destes dois campos de prática e de objectificação das relações sociais pode ajudar a compreender a condição dos trabalhadores enquanto sujeitos da/à história no capitalismo contemporâneo.

RICARDO ROQUE: HISTÓRIAS DE OBJETOS, QUASE

Na moderna cultura Ocidental, os sujeitos, os sujeitos humanos, ganharam lugar de especiais detentores de agência histórica e social e, por conseguinte, tem sido deles o lugar principal em muitas narrativas históricas. Nas últimas décadas, contudo, a supremacia do sujeito humano tem sido desafiada a partir de vários quadrantes conceptuais das ciências sociais, em especial na antropologia social e cultural e nos estudos sociais da ciência e da tecnologia. Enquadrada neste debate e partindo da experiência de pesquisa do autor na

etno-história da ciência racial e do colonialismo, esta comunicação reflete sobre os limites e potencialidades de recentrar as narrativas históricas em torno do que o filósofo Michel Serres designou de quasi-objetos, esse mundo particular de matérias que podem, de forma consequente, ligar e configurar colectivamente os humanos e as suas práticas.

CV's

AbdoolKarim Vakil é professor no King's College London. É co-editor de *Thinking Through Islamophobia: Global Perspectives* (Hurst 2010) e co-autor de *Moçambique: Memória Falada do Islão e da Guerra* (Almedina, 2011).

Bruno Monteiro é sociólogo e completou a sua formação académica (Licenciatura, Mestrado e Doutoramento) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Actualmente é Bolseiro de Pós-Doutoramento, desenvolvendo o seu trabalho com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É investigador integrado do Instituto de Sociologia (Universidade do Porto) e investigador associado do Instituto de História Contemporânea (Universidade Nova de Lisboa). Entre as suas mais recentes publicações, vale a pena mencionar para este colóquio: *Frágil como o mundo. Etnografia do quotidiano operário* (Edições Afrontamento, 2014). Em colaboração com Virgílio Borges Pereira, editou o volume *Política em estado vivo. As práticas políticas vistas pelas ciências sociais* (Edições 70, 2013).

Carlos Maurício é professor no Departamento de História do ISCTE-IUL. É autor de *A Invenção de Oliveira Martins. Política, historiografia e identidade nacional no Portugal contemporâneo (1867-1960)*, Lisboa, INCM, 2005,

Cristina Nogueira da Silva é professora na Faculdade de Direito da Universidade Nova de Lisboa, onde lecciona várias disciplinas de história e história do direito, no primeiro e segundo ciclos, e a disciplina de Direito e Sociedade, no terceiro ciclo. É autora do livro *A cidadania no Ultramar português* (Coimbra, Almedina, 2009), e de vários artigos científicos relacionados com o tema da comunicação (entre estes, em colaboração com Keila Grinberg, "Soil Free from Slaves: Slave Law in late 18th - early 19th century Portugal", *Slavery & Abolition*, vol. 32, Nº 3, 2011). As suas principais áreas de investigação são, actualmente, o pensamento liberal e a cidadania nos séculos XIX-XX e a história do estatuto jurídico dos territórios e populações do ultramar português (séculos XIX-XX).

Emília Margarida Marques (CRIA-IUL) é antropóloga. Publicou *Os operários e as suas máquinas: usos sociais da técnica no trabalho vidreiro* (2009, Gulbenkian/FCT) e "Work, wage and consumption: valuing and displaying among manufacturing workers", *Etnográfica*, 14 (3).

Fátima Sá e Melo Ferreira é professora no Departamento de História do ISCTE-IUL. É autora de *Rebeldes e Insubmissos – Resistências Populares ao Liberalismo em Portugal 1834-1844* (Afrontamento, 2002) e co-autora de *D. Miguel (Círculo de Leitores, 2006)*. É coordenadora do projecto internacional *Linguagens da Identidade e da Diferença. Classes, corporações, castas e raças no mundo ibero-americano 1750-1879* (Iberconceptos III) e foi co-editora da obra *Diccionario politico y social*

del mundo iberoamericano 1750-1850 (Iberconceptos I), *dirigida por Javier Fernández Sebastián (2009)*.

Fernando Catroga é Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tem uma vasta obra publicada no domínio da história política e cultural, de onde se destacam os seus livros mais recentes: *A Geografia dos Afectos Pátrios – As Reformas Político-Administrativas Século XIX-XX, 2013*; *O Republicanismo em Portugal. Da Formação ao 5 de Outubro de 1910, 3.ª ed., 2010*; *Nação. Mito e Rito, 2005*; *Entre Deuses e Césares. Secularização, Laicidade e Religião Civil, 2.ª ed., 2010*; *Res Publica. Cidadania e Representação Política em Portugal. 1820-1926, 2010 (coord. em colaboração com P. Tavares de Almeida)* e *Os Passos do Homem como Restolho do Tempo. Memória e Fim do Fim da História, 2.ª ed., 2011*.

Fernando Rosas é Professor Catedrático no Departamento de História da FCSH-UNL e investigador integrado do IHC. Entre várias outras publicações, é autor de *O Estado Novo (volume 7, História de Portugal dirigida por José Mattoso, 1994)* e *Salazar e o Poder (Tinta-da-China, 2013)*. É co-editor de *História da Primeira República Portuguesa (Tinta-da-China, 2009)* e co-autor de *Os Donos de Portugal (Afrontamento, 2010)*.

Filipa Lowndes Vicente é desde 2009 Investigadora Auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Doutorada pela Universidade de Londres em 2000 (Department of Historical and Cultural Studies, Goldsmiths College, a sua tese deu origem ao livro *Viagens e Exposições: D. Pedro V na Europa do Século XIX (Lisboa: Gótica, 2003)*). Entre as suas publicações estão: *Outros Orientalismos: a Índia entre Florença e Bombaim (1860-1900), com versões inglesa e italiana publicadas em 2012*. No mesmo ano publicou *A Arte sem História: mulheres artistas (séculos XVI-XX)*. Neste momento trabalha sobretudo sobre a história cultural da Índia Colonial britânica e portuguesa (sécs. XIX-XX); produção fotográfica em contextos coloniais; história de exposições, museus e viagens; e género e história;

Filipe Calvão é Assistant Professor in Anthropology and Sociology of Development, Graduate Institute of International and Development Studies, Geneva.

Joana Cunha Leal é Professora Auxiliar do Departamento de História da Arte da FCSH-UNL e Investigadora Integrada do Instituto de História da Arte (IHA) da mesma Universidade. É investigadora principal do projecto Southern Modernisms (FCT – EXPL/CPC-HAT/0191/2013). Co-editou com Mariana Pinto dos Santos o nº10 da Revista de História da Arte – práticas da teoria (2012). É igualmente co-editora do volume *To and Fro: modernism and vernacular architecture (2013)*.

José Neves é professor auxiliar no Departamento de História da FCSH - Universidade Nova de Lisboa e investigador do IHC. É autor de *Comunismo e Nacionalismo em Portugal (2008)* e coordenou, entre outros, *Como se Faz um Povo – Ensaios de História de Portugal Contemporâneo (2010)*, *A Política dos Muitos – Povo, Classes e Multidão (2010)* e *Álvaro Cunhal – Política, História e Estética (2013)*.

Luís Trindade é historiador. É professor de Estudos Portugueses em Birkbeck College – University of London. Tem trabalhado sobre o nacionalismo português e em torno de diversos outros aspectos da história cultural do século XX. Publicou, em 2008, *O Estranho Caso do Nacionalismo Português (Imprensa de Ciências Sociais, 2008)*, acerca das relações entre o salazarismo e a literatura. Actualmente, a sua

investigação centra-se cultura revolucionária e pós-revolucionária portuguesa. Coordenou recentemente o livro *The Making of Modern Portugal* (Cambridge Scholars Publishing, 2013).

Patrick Joyce é Professorial Fellow em História na Universidade de Edimburgo, 2013-2014/5, and Professor Emérito de História da Universidade de Manchester. Foi professor visitante na LSE, na Universidade de Califórnia Berkeley, e no Instituto Universitário Europeu de Florença. Publicou, entre outros: *The State of Freedom: A Social History of the British State since 1800* (Cambridge University Press, 2013), *The Rule of Freedom: Liberalism and the City in Britain* (Verso, 2003), *Democratic Subjects: the Self and the Social in Nineteenth-century England* (Cambridge University Press, 1994), *Visions of the People: Industrial England and the Question of Class 1848-1914* (Cambridge University Press, 1991). Editou *The Social in Question: New Bearings in History and the Social Sciences* (Routledge, 2002), *The Oxford Reader on Class* (Oxford University Press, 1995), *The Historical Meanings of Work* (Cambridge University Press, 1987). E co-editou, com Tony Bennett, *Material Powers: History, Culture and the Material Turn* (Routledge, 2010).

Paula Godinho é antropóloga e professora no Dep. de Antropologia da FCSH. Coordenou várias obras e publicou, entre outras, *Memórias da Resistência Rural no Sul* (Couço, 1958-1962), *Oeiras, Celta*, 2001; *O leite e as margens - Estratégias familiares de renovação e situações liminares no Alto Trás-os-Montes raiano*, Lisboa, Colibri, 2006; «Oír o galo cantar dúas veces» -Identificacións locais, culturas das marxes e construción de nacións na fronteira entre Portugal e Galicia, Ourense, Imprenta da Deputación, 2011.

Publicou "The Transporter, the Agitator, and the Kamanguista: Qualia and the in/visible Materiality of Diamonds," *Anthropological Theory*, vol. 13, no. ½, 2013; "When boom goes bust: Ruins, Crisis and Security in Megaengineering Diamond Mines in Angola," in Brunn, Stan (ed.) *Engineering Earth, Springe*, 2011. Em revisão encontra-se "The Company Oracle: Surveillance and Divination in Colonial Lunda, Angola".

Ricardo Roque é Investigador Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Presentemente, é também Honorary Associate no Departamento de História da Universidade de Sydney. É o autor de *Headhunting and Colonialism* (Palgrave Macmillan, 2010) e de *Antropologia e Império* (ICS, 2001).

Steven Forti é investigador do Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova da Lisboa. É bolsheiro de pós-doutoramento FCT. É doutor em História pela Universitat Autònoma de Barcelona e pela Università di Bologna (2011). Entre as suas publicações mais relevantes, contam-se: *El peso de la nación. Nicola Bombacci, Paul Marion y Óscar Pérez Solís en la Europa de entreguerras*, Santiago de Compostela, Publicaciones de la Universidad de Santiago de Compostela, 2014; com Andrea Tappi, «1919-1920 y 1968-1969: De un biennio rosso a otro. Sindicalismo y derechos de ciudadanía en la Italia del siglo XX», em Babiano Mora (ed.), *Trabajo y ciudadanía en la Europa contemporánea. El sindicalismo y la construcción de los derechos*, Madrid, Fundación 1 de Mayo, 2014, pp. 105-131.

Tiago Pires Marques integra o Centro de Estudos Sociais (Un. De Coimbra), onde desenvolve um projecto de investigação de história e sociologia da psiquiatria, conceitos e práticas de saúde mental. Actualmente analisa as formas científicas e leigas de objectivação e comunicação do sofrimento (epidemiologia e culturas

psicoterapêuticas), práticas de cuidado, sistemas éticos e as políticas sociais no campo da doença mental. Entre as suas publicações, contam-se os livros: Crime and the Fascist State, 1850-1940 (Londres, Pickering & Chatto, 2013) e Experiências à deriva. Paixões religiosas e psiquiatria na Europa (séculos XV a XXI) (org., Lisboa, Cavalo de Ferro, 2013).

Virgílio Borges Pereira é Professor Associado com Agregação do Departamento de Sociologia da FLUP e Investigador integrado do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Colabora, desde 2003/2004, com a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Integra, desde 2008 e como Investigador Associado, o Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da mesma Faculdade. Tem vindo a especializar-se na sociologia das classes sociais e das práticas simbólico-ideológicas, com investigações realizadas na cidade do Porto, nas regiões do Vale do Ave e do Vale do Sousa.